

**B**em me quer, mal me quer? É carinho de verdade ou carinho de mentira? Não passou de um pesadelo? Foi coisa da minha cabeça? Devo contar para alguém o que aconteceu?

Se você é uma criança e tem um corpinho, encontrou o livro certo. Você vai conhecer a história de uma menina brasileira que não vive apenas nas páginas desta Cartilha, mas é um retrato de tantas crianças e adolescentes reais, como você, que precisam de respostas para estas dúvidas e de ajuda para escrever uma nova infância com suas próprias mãos, para crescer sem violência.

O primeiro passo para acordar deste pesadelo, é ter alguém com quem compartilhá-lo. Se bem me quero, denuncio. Ter um corpo é natural e conversar sobre ele precisa ser normal. De criança pra criança, vamos falar de abuso sexual infantil.



**BEM ME QUER,**

**Mal ME QUER?**

De criança pra criança, vamos falar de abuso sexual infantil.

≡ Anna Luiza Calixto ≡



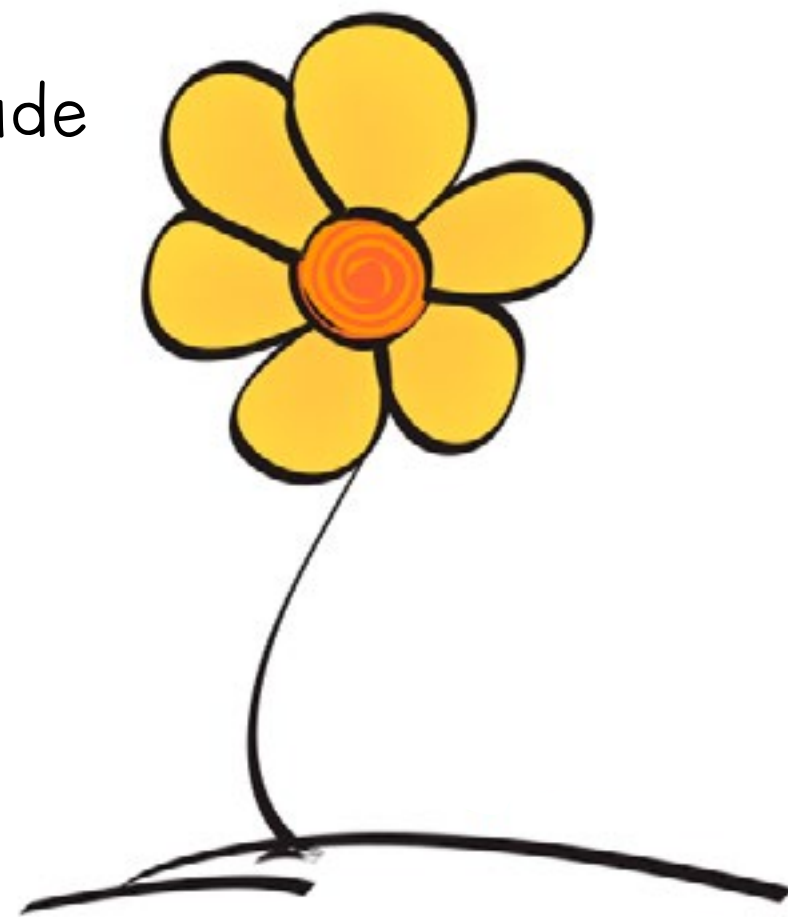
## FAÇA Bonito!

**A** flor nas mãos da menina brasileira na capa desta Cartilha, sendo despetalada para decidir se bem me quer ou mal me quer, é um importante símbolo do movimento nacional contra o abuso e a exploração sexual de crianças e adolescentes: a florzinha amarela, que nos remete a um desenho infantil, é emblemática para esta luta por representar a inocência dos meninos e meninas brasileiras que não podem sofrer o assalto desumanizante de seu direito à infância, saúde, dignidade e pleno desenvolvimento.

Mobilize-se e não desvie o olhar.

Saiba mais e faça parte deste movimento acessando [facabonito.org.br](http://facabonito.org.br) ou [facebook.com/facabonito](https://facebook.com/facabonito).

Faça bonito por nossas crianças e adolescentes!



Podemos começar?

**EBA!**

Convide um ADULTO RESPONSÁVEL em quem  
VOCÊ CONFIA PARA Ler A História com VOCÊ!

# CARTA DA AUTORA

Bem me quer, mal me quer? É carinho de verdade ou carinho de mentira? Não passou de um pesadelo? Foi coisa da minha cabeça? Devo contar para alguém o que aconteceu?

Se você é uma criança e tem um corpinho, encontrou o livro certo. Você vai conhecer a história de uma menina brasileira que não vive apenas nas páginas desta Cartilha, mas é um retrato de tantas crianças e adolescentes reais, como você, que precisam de respostas para estas dúvidas e de ajuda para escrever uma nova infância com suas próprias mãos, para crescer sem violência.

A Cartilha que você tem em mãos nasceu para ensinar, através da voz de uma criança, a tantos meninos e meninas brasileiras que eles e elas têm um corpo que é só seu e que todos têm o direito de dizer não e pedir ajuda. Três crianças e adolescentes sofrem violência sexual por hora no Brasil (Dados: Ministério da Saúde) e ao não estender nossa mão, somos cúmplices. Quem não denuncia, também violenta.



Leiam juntos e conversem sobre as ilustrações, vivam cada descoberta lado a lado. Assim como nossa menina brasileira conta a própria história, você também pode contar a sua.

A coragem dela foi colocada no papel para ser fio condutor para tantos aprendizados que nosso corpo pode oferecer.

O primeiro passo para acordar deste pesadelo, é ter alguém com quem compartilhá-lo.

Se bem me quero, denuncio. Precisamos aprender a falar e ouvir sem medo, vergonha e preconceitos. A culpa da violência nunca é do violentado. Ter um corpo é natural e conversar sobre ele precisa ser normal. De criança pra criança, vamos falar de abuso sexual infantil.

Esta história não acaba aqui: é só o começo para as meninas e meninos brasileiros. Crianças de todos nós. Boa leitura!

Anna Luiza

**BEM ME QUER,  
MAL ME QUER, BEM ME QUER,  
MAL ME QUER,**



**MAL ME QUER,  
BEM ME QUER, MAL ME QUER...**

## **MAL ME QUER?**

Perdái, como assim? Não pode ser! Como é que eu poderia imaginar? Não sei se é porque rima, mas não é tão difícil assim confundir dor com amor. Duas palavras assim, pequenininhas, que podem ocupar um espaço dentro do peito, destes que fica difícil até pra respirar.

O amor ocupa com carinho, com atenção, com aquela sensação gostosa que passa a morar no coração. Já a dor, esta folgada, costuma entrar sem pedir licença e ir se ajeitando sem dar espaço pra gente pensar em mais nada.

Mas o problema é que tem certas dores que, sabendo que não vamos abrir a porta, vem disfarçadas de amor.

A brincadeira de criança vira segredo de adulto, a gargalhada vira um chorinho escondido e o carinho de verdade vira carinho de mentira.

**M**as, como assim, carinho de verdade e carinho de mentira? Pois é. Sabe quando faz tempo que você não encontra uma pessoa e quando finalmente a vê quer dar aquele abraço apertado cheio de saudade? Ou quando você está com sono e alguém de quem você gosta muito faz um cafuné gostoso no cabelo? Ou aquele beijinho de boa noite da mamãe sem o qual nem sabemos mais dormir? Este é o carinho de verdade, que enche nosso peito de uma sensação quentinha que faz parecer que o nosso coração está deitado em um travesseiro fofinho.

Mas você se lembra da dor? Aquela danada também tenta nos enganar com carinho. Mas este é diferente, é de mentira. Pode deixar a gente com vergonha, com medo. Também pode causar cosquinha ou uma sensação que até lembra o amor, mas não é. Este carinho é uma mentira, um segredo que vai crescendo, crescendo, crescendo até ficar do nosso tamanho. E olha que eu já sou bem grandinha!

Este carinho de mentira pode causar confusão e tristeza em qualquer criança ou adolescente, menino ou menina, da cidade ou do campo, que goste de ler, de brincar, de sorvete ou chocolate, de correr ou de dançar. Aconteceu até comigo.





**E**u sou a menina brasileira. Adoro colocar fitinhas no meu cabelo e andar de bicicleta. Tenho uma cachorrinha que se chama Tapioca, uma vira- latinha toda branquinha e chegada numa bagunça que adotamos quando eu era neném. Sou muito boa em desenhar, adoro jogar peteca e amo dormir até tarde de domingo. Sou como você, menino ou menina brasileira que está conhecendo minha história. E sabe o que todos nós temos em comum?

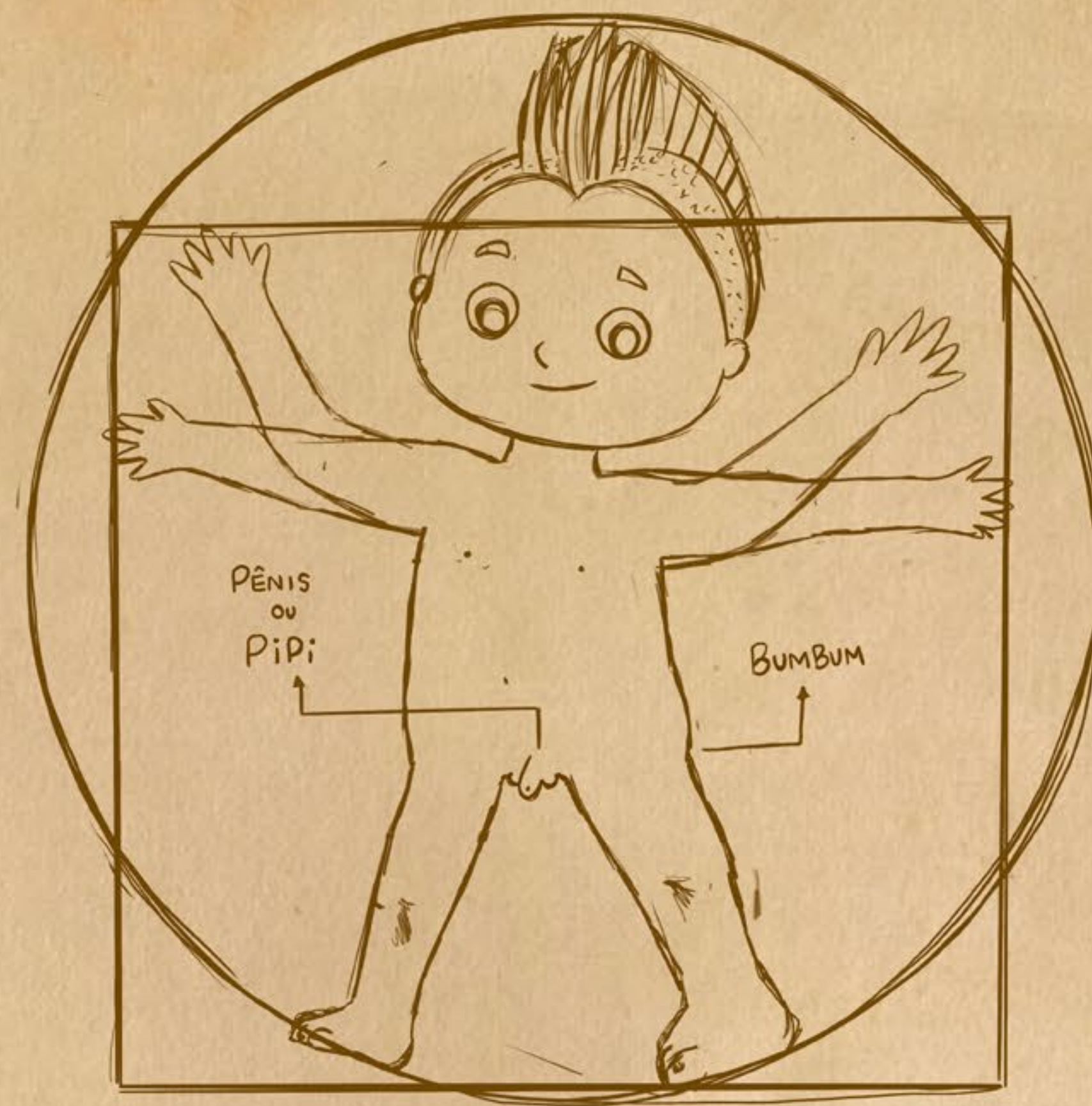
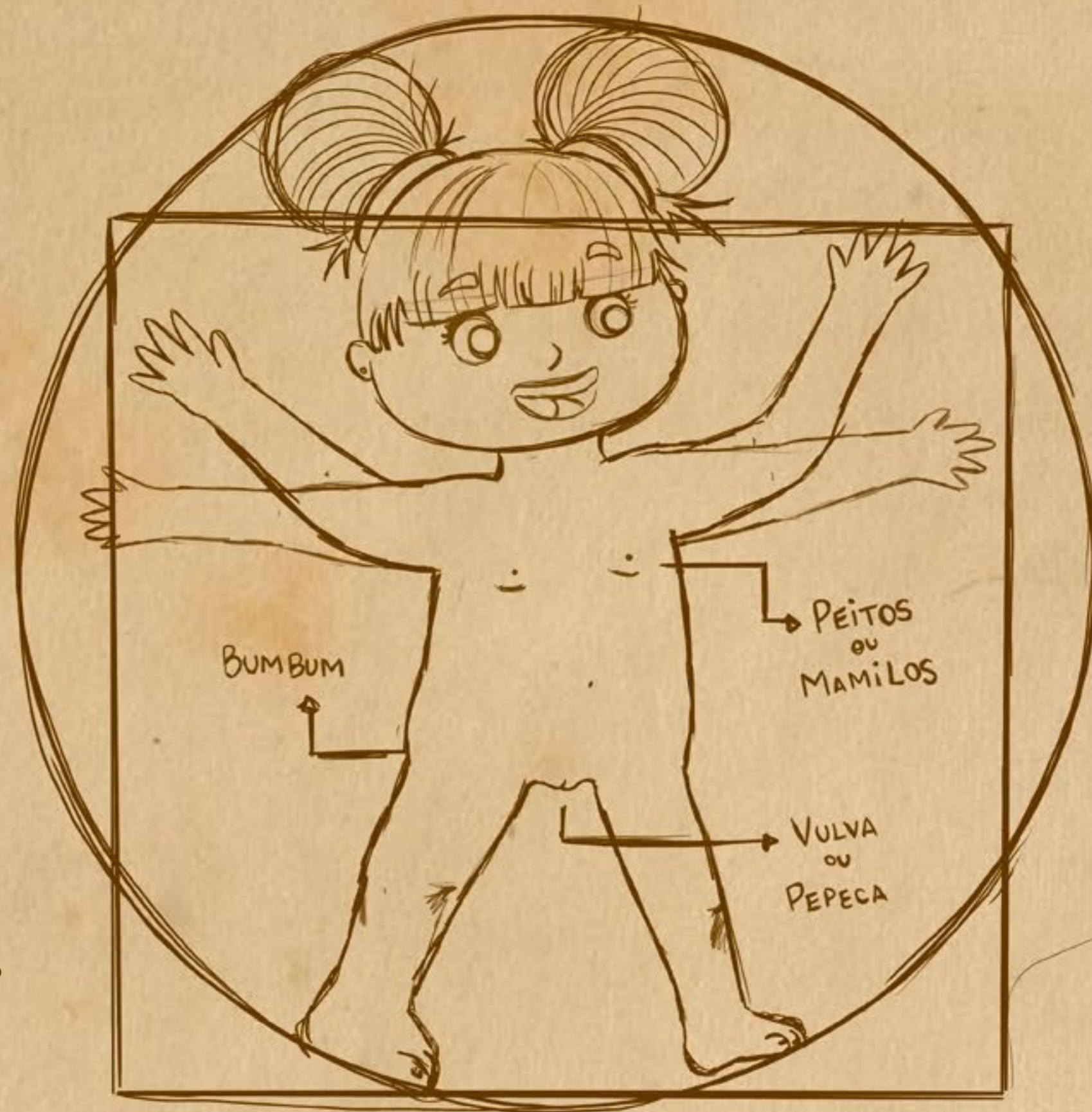
## UM CORPINHO.

Sim, isto mesmo. Cada um e cada uma de nós tem um corpo que é só seu. Um corpo que é completo e lindo do jeitinho que é. Cada corpo é diferente e único. Ele serve como uma fronteira entre tudo o que acontece aqui dentro – nossos pensamentos, emoções, sentimentos – e o que acontece no mundo lá fora.

Nosso corpo é um universo inteiro e é casa para muitas sensações incríveis. A gente sente frio, calor, arrepio, cosquinha, frio na barriga, prazer e dor. Para abrigar tantas sensações diferentes, temos mãos, joelhos, pés, bochechas, orelhas, costas... Também encontramos no nosso corpo, lugares que podemos chamar de partes íntimas, para as quais devemos dar muita atenção e cuidado, porque são super especiais.



Lembra que eu disse que nosso corpo é tipo uma fronteira, daquelas que dividem uma cidade da outra? Pois é: as nossas partes íntimas são como lugares especiais em que é proibida a entrada. A não ser quando alguém autorizado, bem legal e responsável precisa ajudar na higiene e nos cuidados para proteger a gente. Tudo bem, por exemplo, quando a gente é pequenininho e alguém responsável dá aquela força na hora de nos vestirmos ou quando um médico precisa ver nosso corpinho pra ter certeza de que ele está bem e saudável, pronto pras tantas aventuras que podemos viver.



Mas você pode estar se perguntando que lugares são estes no nosso corpinho, porque muitas vezes não conversamos sobre eles. Mas não é preciso ter vergonha, porque ter um corpo é natural e falar sobre ele, com nossas perguntas e curiosidades, precisa ser normal. Nossas partes íntimas são diferentes e é importante conhecê-las. Há crianças com vulva e peitos e também há crianças com pênis. Todos nós, meninos e meninas, temos nosso pescoço, barriguinha, bumbum e boca que também são partes íntimas. Afinal, estes são os lugares em que só nós podemos tocar e não nos sentimos à vontade quando outra pessoa quer ver ou encostar – por isto mesmo cobrimos com nossas roupinhas.



Quando aprendi que meu corpo era só meu, também fui apresentada a uma palavra muito amiga. Ela é pequenininha mas muito forte – e minha mamãe sempre diz que eu também sou assim. Acho que foi por isto que nos demos tão bem! Muito prazer, **NÃO**. Ah, vocês já se conheciam? Que coisa boa! **NÃO** é uma palavra que está sempre na nossa boca, mas ela pode ser uma amigona também. Toda vez que a Tapioca corre pro quintal e volta parecendo uma farofa de tanto rolar na terra, eu sempre digo: NÃO! E eu tenho certeza de que ela entende.

Quando a professora entra na sala e diz que vai ter prova de matemática no dia seguinte, todo mundo diz: Ah, não!

A palavra NÃO é amiga da nossa vontade, do nosso corpo e dos nossos direitos. Quando alguém te oferece um doce e você diz não, bastam estas três letrinhas para que a sua vontade tenha força. Se a madrinha dá um beijo muito molhado – eca! – toda vez que te cumprimenta ou o titio quer fazer aquela brincadeira que você já disse que acha chata, diga não. Dizer não para aquilo que você não gosta, é dizer sim para você.

**NÃO É PORQUE A GENTE É CRIANÇA QUE NOSSA VONTADE NÃO IMPORTA.**

Nosso NÃO tem tanta importância quanto o de um adulto. E eu demorei um bocadinho pra aprender isto, queria muito ter entendido antes.



**A** minha mamãe sempre me ensinou a não conversar com estranhos e que se alguém no caminho da escola pra casa fizesse comigo algo de que eu não gostasse, eu precisava contar pra ela, sem medo. Você também já ouviu isto?

Sempre tomei muito cuidado. Eu lembro bem daquela sexta-feira à tarde em que eu voltei da escola correndo pra casa porque estava muito animada pra ajudar a organizar minha festa de aniversário, pendurar balões e decidir o sabor do bolo. Pedalava bem rápido minha bicicleta, quando dobrei a esquina e vi no portão um moço que eu não conhecia...

Então entrei correndo e avisei a mamãe que tinha um estranho na porta – que é como eu chamo todo mundo que não conheço ainda. Ela foi até a janela e deu risada. Não era um estranho, era o namorado da mamãe. E a Tapioca não parava de latir! Achei aquilo tão esquisito. Ela se dá bem até com o carteiro!

Eu tinha passado tão rápido, voando por ele, e nem percebi que nas mãos ele segurava uma caixa de bombons, os meus preferidos! Ele se apresentou e disse que aquilo era o meu presente de aniversário.

Puxa, que moço legall! Fiquei vermelha de vergonha por eu e a Tapioca termos sido tão mal-educadas com ele. Passamos a tarde só nós três, deixando a casa com cara de festa, toda colorida.





Meu aniversário foi o melhor de todos. Minha mamãe me acordou com uma surpresa: um capacete novinho para minha bicicleta e amarelo, minha cor preferida!

Todos os meus amigos da escola vieram e a vovó fez bolo de brigadeiro. O namorado da mamãe também passou a tarde com a gente e descobrimos que ele manda super bem nos malabares, divertiu todo mundo – e não só na festa, porque a partir dali ele começou a almoçar lá em casa todo domingo, virou tradição.

Ele me ensinou a empinar pipa e virou fã dos bolinhos de chuva da mamãe, que nem eu. Fomos ao cinema e à sorveteria – até descobrimos que o picolé preferido dele era o mesmo que o meu, de abacaxi! Qual é a chance, né?

Ele também era muito bom no videogame (às vezes deixava eu e a mamãe vencermos) e começamos a tirar os quebra cabeças do armário e ficar até tarde montando. Tão tarde que ele passou a dormir lá em casa, porque morava em outra cidade e a mamãe achava perigoso pegar estrada à noite.

**B**rincávamos tanto que, na hora de dormir, eu mal fechava os olhos e já estava sonhando. Sempre tive uns sonhos muito maneiros, em que eu podia voar e conhecer qualquer lugar do mundo. Já sonhei que era astronauta, atriz, sereia, piloto de Fórmula 1 e até que eu era um peixinho de aquário.

Mas foi durante aqueles dias, ou melhor, aquelas noites, em que comecei a sonhar com umas coisas esquisitas. E era tão real! Eu podia jurar que sentia alguém bem maior que eu com as mãos em mim. Começava no meu cabelo e quando eu me dava conta, já não sabia o que era eu e o que era o monstro. Sim, eu tinha certeza de que era um monstro!

O monstro da cosquinha, que encostava em mim de um jeitinho que pinicava e fazia **SHHHH** pra mim. Não era carinho de verdade, era carinho de mentira.

No outro dia de manhã, na mesa do café, eu contava todo o pesadelo pra minha mamãe e ela dizia pra eu não ficar com medo e que isto tudo era de tanto sorvete que eu tomava antes de dormir quando o namorado dela estava lá em casa.

Tentei deixar pra lá, até parei de tomar sorvete à noite e pensei, por uns dias, que era realmente coisa da minha cabeça. Ninguém para quem eu contava parecia acreditar que o monstro da cosquinha era real, então fui desistindo da ideia.





O problema de verdade começou a acontecer nas férias de julho: parecia que toda noite o monstro me visitava! Como o namorado da mamãe estava passando as férias com a gente, pedi pra ele fazer uma vistoria completa no meu quarto atrás do bicho.

Ele olhou dentro do armário, embaixo da cama, atrás do espelho e nada do danado!

Comecei a esperar acordada pra mostrar pra ele que eu não tinha medo.

Eu tinha um plano: se ele aparecesse, eu ia gritar pela mamãe e aí ele ia ver só!

Minha mamãe brava é uma verdadeira fera capaz de assustar qualquer monstro da cosquinha, eu tinha certeza.

A maior prova disto é que nas noites em que ela esperava comigo na minha caminha, ele não vinha. Devia estar com medo dela!

Na escola, todo dia de manhã, a minha prô começou a ficar preocupada comigo.

De tanto esperar o monstro, eu acabava cochilando na aula e não prestando atenção nas explicações. Numa quarta-feira, na hora do recreio, ela me pediu pra esperar na sala e conversamos um bocado.

Eu contei sobre o monstro da cosquinha e ela riu, mas não entendeu direito.



**E**la me mostrou um livrinho da estante da minha turma que contava sobre os animais da floresta e abriu em uma página com uma coruja violeta. A prô me explicou que quem fica acordado até tarde é coruja e me mostrou um desenho dos olhões amarelos da corujinha brilhando no escuro da floresta, de olho em tudo. Prometi que ia esquecer o monstro e dormir direito pra não virar coruja.

E foi aí que aconteceu. Antes de dormir, naquela mesma noite, tomei um chá de capim limão docinho que me deixou mais calma e deitei. Vapt vupt: dormi. Comecei a sonhar que estava num campo de margaridas que não tinha fim; onde a grama era fofinha, parecia feita de algodão e tinha cheiro de... De... De...

O sonho estava parando, misturando tudo. Senti a mão do monstro em baixo dos cachinhos do meu pescoço e abri os olhos. **ERA REAL, EU TIVE CERTEZA.** Senti meu cobertor indo embora e, no lugar dele, uma mão fria pousando na minha barriguinha. Não gostei nada daquilo. Outra mão no meu joelho e comecei a suar de medo. Virei pra encarar o bicho, reunindo toda a minha coragem, e só enxerguei dois olhões no escuro.

ERA A CORUJA!

# SHHHHHHHHHHH

Peraí.. Mas coruja faz uh uuuh uh, não shhhh!

Abri a boca pra gritar e a mesma mão fria estendeu um dedo comprido na minha frente. Mas não... A prô me explicou que a coruja tinha asas e não dedos.

Foi aí que ouvi uma voz:

**SE VOCÊ FICAR QUIETINHA E FOR UMA BOA MENINA, AMANHÃ VAMOS COMPRAR UMA CAIXA DE LÁPIS DE COR PARA OS SEUS DESENHOS!**

Mas coruja não fala! Até eu me lembrar disto, já estava gritando e chamando a minha mamãe, que correu para o meu quarto e acendeu a luz.



**S**ó que não tinha monstro nenhum. Nem coruja. Era o namorado da mamãe, com o meu cobertor nas mãos, dizendo todo atrapalhado que foi até a cozinha para beber água e percebeu que eu tinha me descoberto enquanto dormia. Explicou que pegou o fofinho (é assim que eu chamo meu cobertor) e antes mesmo de me cobrir, eu já tinha aberto o berreiro.

Minha mamãe pareceu aliviada, mas o meu coraçãozinho tinha pulado do peito. Era uma escola de samba inteira batucando na minha cabeça de tanto medo. Será que tudo não passou de um pesadelo?

Naquela noite, dormi com a mamãe. O namorado dela se ofereceu pra dormir na sala e vigiar a porta, pra não deixar nenhum monstro passar ou coruja entrar pela janela. Mesmo assim, não consegui dormir. Quem disse que meu coração tinha voltado pro peito?

A partir dali, passei a ficar com a mamãe até dormir e acordar na minha caminha, pra onde ela me levava sem me despertar do sono. E foi muito bom, eu já estava me sentindo outra: mais calma e mais feliz também!

Aproveitamos as férias para visitar a vovó, ir ao parquinho e desenhar bastante. No último dia de férias, decidimos pedalar pelo bairro, que o namorado da mamãe ainda não conhecia direito.





Passamos pelas pracinhas, pelas casas coloridas que eu amava desenhar, pela pista de skate. A Tapioca ia toda serelepe atrás de nós! Em uma das ladeiras, vi uma árvore cheia de flores branquinhas, idênticas às do meu sonho! Quando virei o guidão para ir até lá e mostrar para a mamãe, ele escapou da minha mão e eu caí por cima da minha bicicleta! , como doeu! Ardia tanto! Meu joelho ficou todo ralado e eu não suporto ver sangue. Minha mamãe veio correndo com o namorado dela para me socorrer e a Tapioca corria de um lado pro outro, latindo sem parar. Enquanto a mamãe via direitinho o que tinha acontecido, ele tentou me acalmar dizendo que se eu melhorasse rapidinho, ia fazer malabares com as bicicletas. Caí na risada – é claro que isto era impossível! Quando ele percebeu que eu já estava melhorando, até rindo, colocou a mão no meu ombro e assoprou o dodói no meu joelho.

A minha risada sumiu e tudo parou. Era a mesma mão do monstro. Fria, difícil de esquecer. Eu juro que era, não dava pra confundir. Arregalei os olhos de susto e devo ter ficado parecendo uma coruja mesmo, porque a minha mamãe se assustou. Perguntou porque eu estava assim, mas tive medo de dizer o que estava pensando. E se. E se fosse verdade mesmo? Era melhor não dizer. Contar não ia adiantar nada.



**N**o outro dia cedinho, a mamãe me levou até a escola e disse que ia preparar minha comida preferida pro almoço: macarronada! Entrei na sala de aula, mas desta vez quem pediu para falar com a prô fui eu.

Contei toda a história antes mesmo da aula começar e disse que estava com muito medo, pensando que era coisa da minha cabeça mesmo.

Ela ouviu tudo: tintim por tintim. Tive medo dela rir de novo, mas desta vez estava bem séria. No final da história, ela me abraçou forte e eu chorei baixinho, molhando o uniforme. Ela me prometeu que aquilo tudo terminaria e que, finalmente, iríamos entender todo aquele pesadelo.

A aula parecia não passar. A professora apontava as letras na lousa, mas tudo o que eu via era um enorme ponto de interrogação que olhava pra mim. O tique taque do relógio marcava o ponteiro que caminhava a passos lentos até que, no meio dos meus pensamentos, o sinal do recreio me surpreendeu.

Saí da sala de aula de cabeça baixa e minhas amigas me levaram para pular corda, mas eu não estava nem um pouco afim. Percebi que elas estranharam meu jeitinho e meu olhar pro nada. E foi olhando pro nada que vi a prô entrando na sala da diretora com a minha mamãe.





**E**u queria ser uma borboletinha na janela só para ouvir um pouquinho do que elas conversavam. Andei de um lado pro outro, estava super nervosa, e enquanto esperava a mamãe sair da sala, vi um outro moço passando pela porta, mas ele eu não conhecia.

Tive tanto medo! Pensei que a mamãe fosse achar que eu tinha aprontado. Eu já previa que ia ficar de castigo. Puxa, mas que confusão! Eu deveria ter ficado calada?

Pra minha surpresa, quando voltava pra aula, minha mamãe saiu da sala e me pegou no colo com um abraço apertado daqueles que a gente sabe que é carinho de verdade. Todo o chorinho que eu estava escondendo saiu de uma vez, que nem cachoeira. E percebi que não chorava sozinha, os olhos da mamãe estavam bem vermelhos.

**E**la me colocou no chão e me apresentou pro moço que tinha um sorriso: ele era conselheiro tutelar. Eu nunca tinha ouvido falar desta profissão – que ele disse que estava mais pra uma missão. E você, já ouviu falar?

O Conselho Tutelar é um time de cinco pessoas que são escolhidas pela população de uma cidade para lutar pelos direitos das crianças e dos adolescentes que vivem ali. Quando qualquer menino ou menina está desprotegido ou conhece outra criança que está, ele pode telefonar para o Conselho e pedir ajuda – ou pedir para um adulto de confiança fazer isto por ele.

Eles aceitam denúncias anônimas, o que quer dizer que não precisa contar quem é você, caso esteja assustado. Mas é preciso explicar o que e onde está acontecendo, para que o time saiba o que fazer e entre em campo com a gente.

Um dos craques – ou melhor, dos conselheiros – vai resolver o problema ao lado de vários times que, juntos, são a rede de proteção. É como se fosse mesmo a rede do gol e, com toda a sua força, o time só sai do campo depois do placar apontar a vitória da criança ou do adolescente – e não é pra isto que vai nossa torcida?





Muitas crianças têm medo do Conselho Tutelar, mas já está na hora de aprendermos que eles jogam ao nosso lado e, principalmente, por nós.

Quanto mais denunciarmos, menos monstros da cosquinha ficam à solta! Se você ainda não conhece o número de telefone do Conselho Tutelar da sua cidade, procure por esta informação e anote no caderno da matéria da escola em que você tem mais dúvidas e, por isto, sempre está por perto.

Foi o que eu fiz naquela tarde no meu caderno de matemática.

Pode ser na sua agendinha, no diário, num bilhete preso na geladeira... Se você, assim como eu, conhece um monstro da cosquinha e quer contar para alguém rápido, também pode discar **100**. Estes três números fáceis de decorar te levam para um Portal Nacional de Denúncias, onde alguém bem legal vai conversar com você para entender o que está rolando, quem está fazendo aquilo e em que lugar do Brasil, para que possam escalar o time mais pertinho de você.

Pode ser que o gol esteja impedido e que tenha alguém no caminho entre você e a denúncia, mas não tenha medo de parar o jogo: procure ajuda!

**NÃO TROQUE O SEU SILÊNCIO POR NADA**, assim como eu não troquei o meu por uma caixa nova de lápis de cor.

Se alguma coisa está acontecendo com você, é hora de agitar a torcida e dizer não, contar pra alguém responsável em quem você confia e que possa te ajudar.

**E**u sei bem e senti na pele como é difícil contar para alguém. Mas esta é a jogada mais importante praquele pesadelo ir embora de vez; cartão vermelho pra ele! Depois que conversei um pouquinho com o conselheiro, ele me ajudou a perceber que eu não tinha culpa de nada. O que eu vivi pode acontecer com qualquer criança ou adolescente, inclusive com você, e o nome disto é abuso sexual – um nome tão feio quanto a própria coisa.

## **ESTE TAL DE ABUSO ACONTECE COM TRÊS CRIANÇAS E ADOLESCENTES POR HORA NO BRASIL<sup>1</sup>.**

Enquanto você lia minha história, isto pode ter acontecido com mais uma menina ou menino. Pode rolar com qualquer um e na maior parte das vezes, o pesadelo se passa dentro de casa mesmo<sup>2</sup>. Com o namorado da sua mamãe, seu tio, sua vovó, um vizinho, sua madrinha, um de seus responsáveis, um amigo da sua família.

Cada criança é dona de seu corpinho e todas temos o direito de dizer NÃO. Lembra desta palavra, nossa amigona? Dizer NÃO e correr para contar a um adulto de confiança é um ato de carinho com nós mesmos e uma jogada de craque. Você pode contar para a sua prô, como eu fiz, ou para a vovó e o vovô, para o adulto que cuida de você e com quem você se sente bem e confia.





**M**esmo que no começo você ache aquele carinho especial e que é legal ter um segredinho com um adulto, preste muita atenção<sup>3</sup>! Precisamos ter olhos de coruja – bem abertos – e não ser enganados pelo abuso. Tem criança que gosta de cosquinha e a culpa não é dela. Lembra que amor e dor não são tão difíceis de confundir assim? Pois é.

**MAS É PRECISO ESTAR ATENTO E SE LEMBRAR DE QUE SE UM CARINHO É LEGAL, NÃO PRECISA SER ESCONDIDO.**

O conselheiro ainda passou um tempo conversando com a minha mamãe enquanto eu estava na aula, mas eu sentia que um peso enorme tinha finalmente ido embora. Até respondi (e acertei) algumas perguntas da prô e ri das brincadeiras das minhas amigas. Eu me sentia como eu de volta. Dá pra entender?

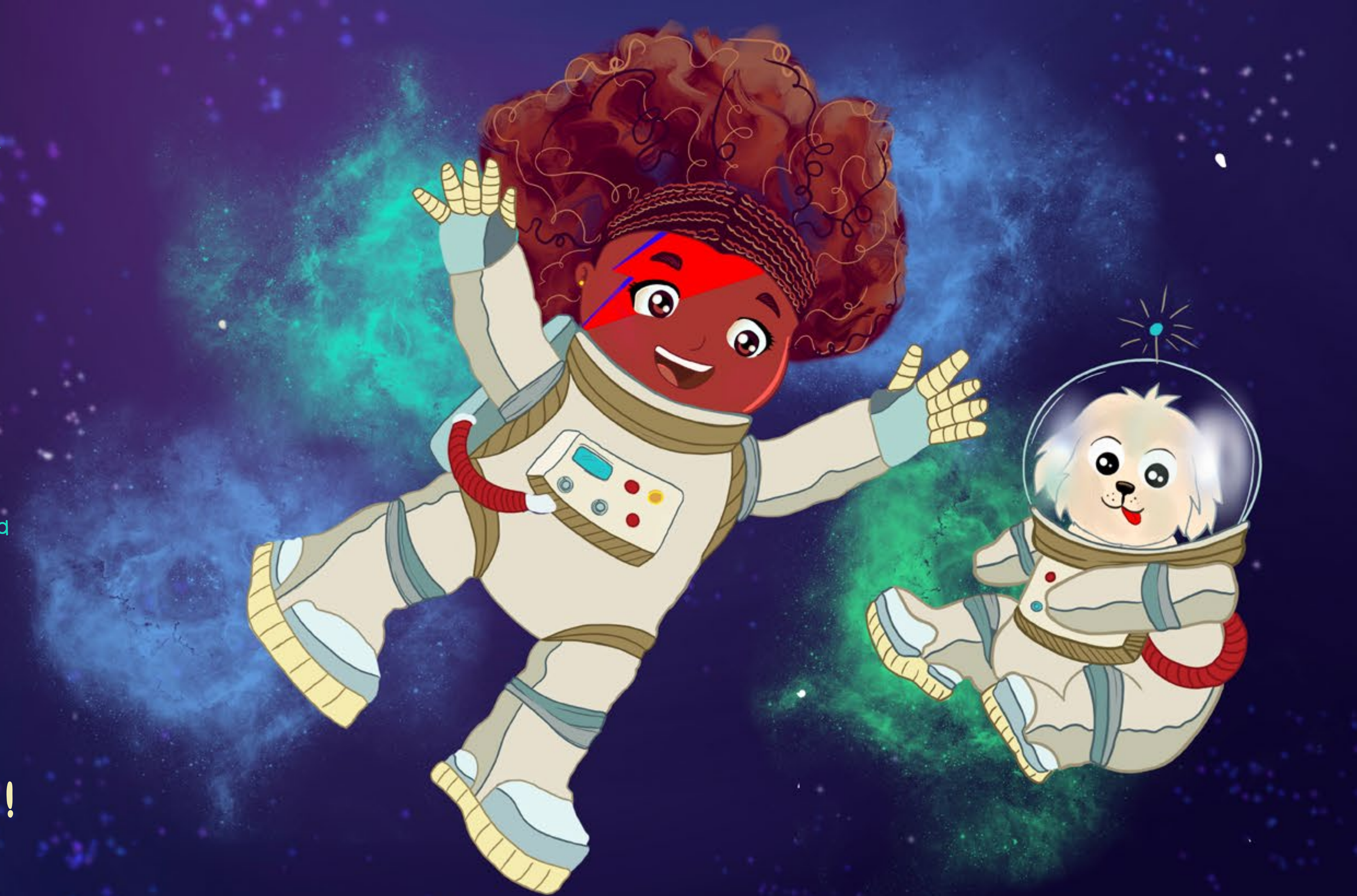
Tudo foi muito rápido. Depois da aula, minha mamãe me deixou na casa da vovó. Amo passar a tarde com ela, sempre tem pipoca e filminho! Quando voltei pra casa, o namorado da mamãe não estava mais lá... E eu também não queria saber pra onde ele tinha ido, só me importava que eu nunca mais o visse.

**N**ão sei vocês, mas eu adoro histórias com um final feliz! E o melhor de tudo é que, pra mim, é só o começo. Eu sou a menina brasileira, assim como vocês, e todos nós ainda temos muito pra viver!

Minha história não acaba aqui, ela começa a cada vez que uma criança como você denuncia, pede ajuda e escreve um recomeço para milhões de meninos e meninas brasileiras. A mudança começa nas nossas mãos.

Minha casa parecia mais minha de novo, meus desenhos mais coloridos, até a Tapioca parecia mais feliz e eu parecia mais eu. Naquela noite, dormi sozinha na minha cama e mesmo assim sonhei... Sonhei que estava voando.

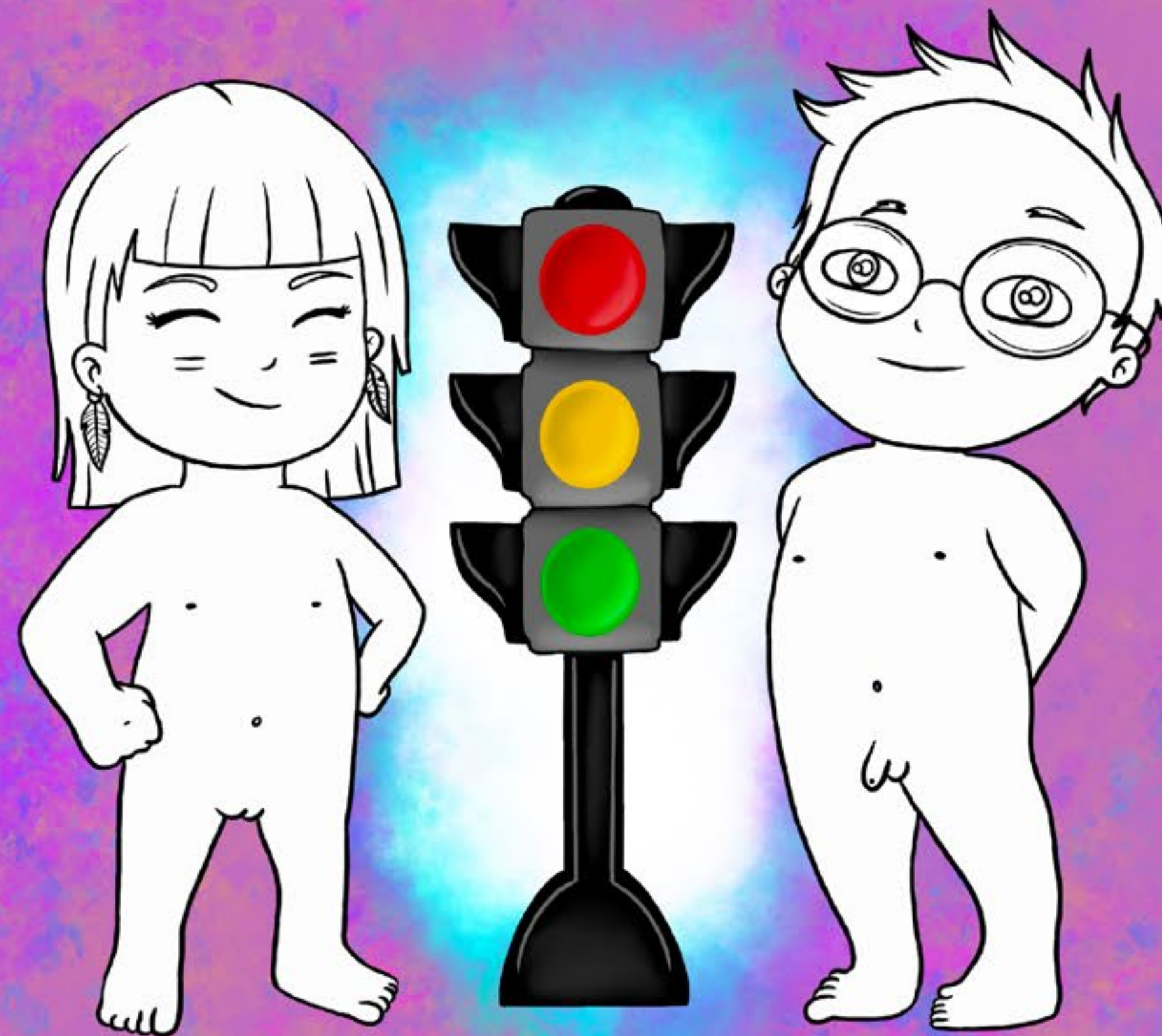
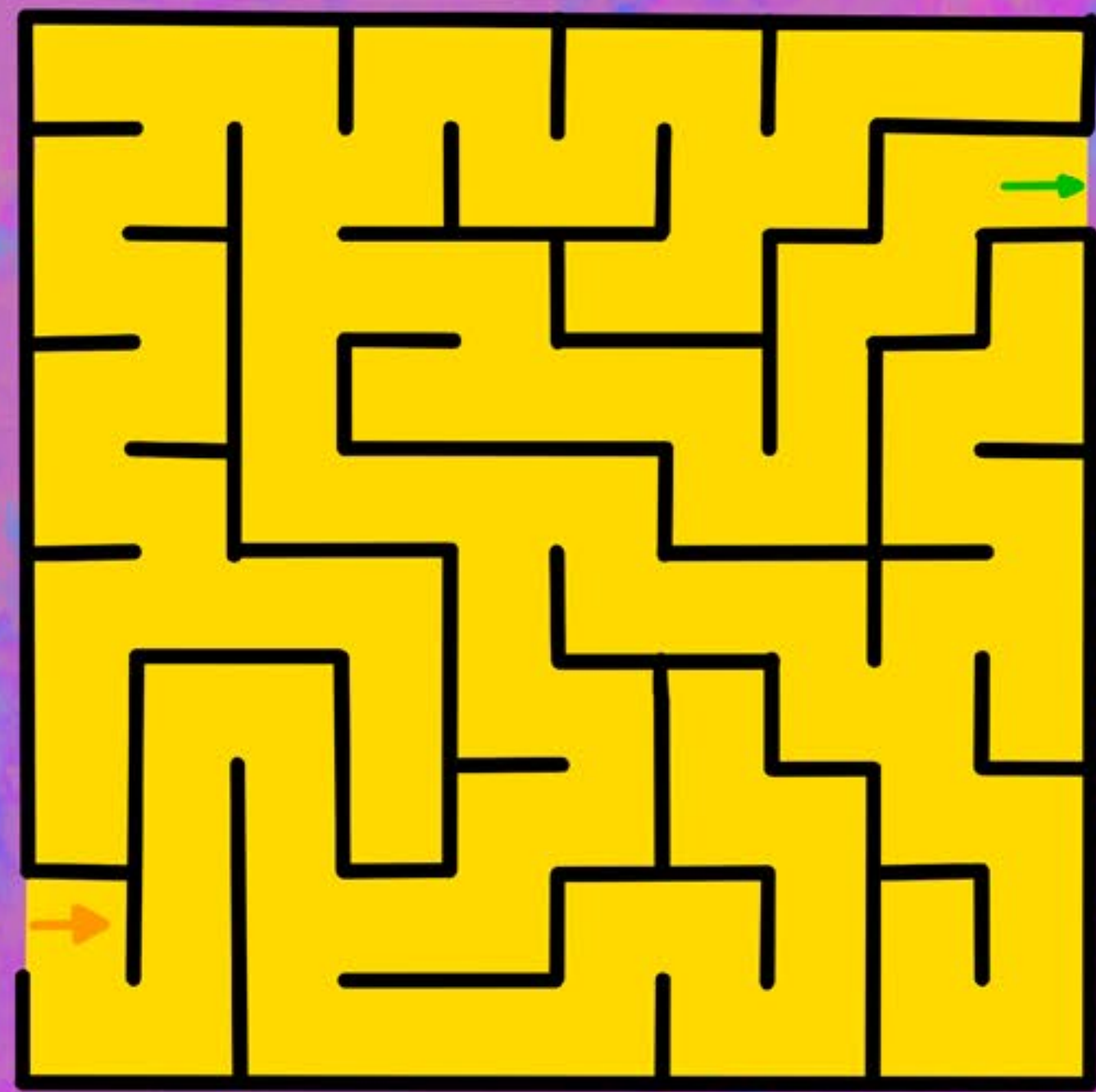
*Eu me sentia tão mais leve que  
podia jurar que isto era possível!*



# PASSATEMPO

## LABIRINTO:

Leve a menina brasileira até o Conselho Tutelar, onde estará a salvo do monstro da cosquinha.



## NOSSO CORPO É UM SEMÁFORO:

Imagine que este é o seu corpinho! Pinte cada uma de suas partes de acordo com as fases do semáforo: verde onde você se sente à vontade quando outras pessoas tocam; amarelo onde é preciso atenção e vermelho nas partes íntimas, onde é proibida a ultrapassagem, só você pode tocar.



## Ei, se você é um ADULTO RESPONSÁVEL e Bem LEGAL, A HISTÓRIA AINDA NÃO ACABOU! FICA MAIS UM POUQUINHO...

Se lembrar é combater, esquecer é permitir. Você certamente conhece um menino ou uma menina brasileira cuja proteção também está em suas mãos, nas mãos de todos nós.

**Toda criança é nossa criança.** E suas histórias não podem ser resumidas à violência sexual.

A prevenção é fundamental e é nossa responsabilidade: sentar com as crianças em roda e descobrir o quanto elas já conhecem sobre o próprio corpo, apresentar o mundo e conduzir suas descobertas de maneira saudável e segura, responder às perguntas e curiosidades naturais com a verdade através de ferramentas pensadas e construídas para servir de ponte a este diálogo, é mais do que necessário: **é urgente.**

**Sexualidade** é um processo empírico humano que parte de dentro pra fora na busca permanente por bem estar a partir da sua relação consigo próprio e com o outro.

**Sexualização** é outra história: acontece de fora pra dentro, não raro através de intervenção adulta, e erotiza a criança precocemente, violando seu direito a uma infância digna e completa.

Sempre que me perguntam, durante alguma oficina do **Projeto Os Cinco Passos**, a partir de que faixa etária é possível conversar com nossas crianças e adolescentes sobre o abuso e a exploração sexual, eu devolvo a pergunta: a partir de que idade nossas crianças e adolescentes podem ser violentados sexualmente? **Não há limites para a violência.**

Nossas crianças precisam aprender a discernir o carinho de verdade do carinho de mentira: o afeto do abuso, o amor da violência, a brincadeira compartilhada do contato às escondidas. Os abusadores sexuais fazem proveito das lacunas que nossa educação sexual deficitária permite, construindo um conceito de afetuosidade descaracterizado, que se confunde com o abuso sexual.

A **Cartilha Bem me quer, mal me quer?** nasce como uma ferramenta de orientação e instrução a nossos meninos e meninas brasileiros sobre a prevenção ao abuso sexual através da porta que a educação abre para a sexualidade saudável e o combate às violências. Muitas figuras de cuidado esbarram em dificuldades para tecer este diálogo com as crianças – e esta barreira pode ser derrubada quando quem dá o pontapé para a conversa é uma personagem, a menina brasileira.

Antes de falar, precisamos aprender a ouvir nossas crianças e adolescentes e identificar as possíveis manifestações sintomáticas de uma situação ocasional ou recorrente de violência sexual. Fique de olho se:

🌸 a criança é bastante comunicativa e carinhosa, mas progressivamente torna-se retraída, calada e incomodada com quaisquer espécies de contato físico – mesmo quando é carinho de verdade.

🌸 o extremo oposto também pode acontecer: um menino ou uma menina (já que ambos os gêneros podem sofrer ou praticar o abuso sexual) são quietinhos e tranquilos, mas dia a dia você passa a observar alterações no padrão comportamental, com acessos de raiva, vocabulário adulto, postura hipersexualizada precocemente e crises de choro incontroláveis e inconsoláveis – este choro pode estar escondendo algum segredo.

🌸 a criança ou o adolescente já está em um dado estágio de seu desenvolvimento e regride à etapa de urinar na própria cama. O que será que este pico de estresse emocional quer nos dizer?

🌸 os desenhos da menina ou do menino passaram a ser em preto e branco ou, ainda, quando retratam sua família, por exemplo, indicam os órgãos sexuais. Vale refletir sobre como uma criança teve acesso a este tipo de conteúdo tão precocemente.

O **abuso sexual** apresenta múltiplas facetas – e todas elas muito perversas. Esta violência não acontece apenas quando ocorre a conjunção carnal (relação de abuso com penetração) ou quaisquer atos libidinosos, ela pode se manifestar através de um beijo, uma carícia ou qualquer contato com a parte íntima daquela criança e adolescente.

Também se considera abuso o exibicionismo adulto, obrigando o menino ou a menina a observar seu órgão sexual. Além disto, fazer com que uma criança ou adolescente consuma produções da indústria pornográfica, fique nu diante de uma webcam ou envie fotos do seu corpo também são práticas de violência sexual; também são crimes.

Estereotipar o abuso sexual é um **desserviço à infância**. Nas atuais conjecturas desta violência, o tradicional não fale com estranhos deixou de ser suficiente. Mais de **70%** dos casos de abuso sexual infantil tem na figura do abusador alguém próximo à criança ou adolescente, como uma figura de cuidado ou um amigo da família que recorrentemente a visita e manifesta um carinho particular por aquele menino ou menina. O homem ou a mulher que pratica o abuso, exerce ali, antes de tudo, uma relação de poder.

Diferentemente do estigma que povoa o imaginário popular, o abusador constrói uma relação afetuosa e um laço de confiança com a vítima, dando-lhe a atenção que muitas

vezes ela não encontra nos seus adultos de referência e, progressivamente, **conquista a intimidade necessária para praticar o abuso**. Lamentavelmente, nosso discurso que orienta as crianças a procurarem ajuda quando um toque faz dodói já é insuficiente, uma vez que nossos meninos e meninas também têm em seus corpos um aparelho sensorial que vai responder sensivelmente ao abuso e, não raro, ele reage com prazer, com cosquinha. Trazer à luz para nossas crianças e adolescentes que este tipo de contato apenas deve acontecer com maturidade, consentimento e responsabilidade é imprescindível. Lembre-se e lembre-as de que **se um carinho é legal, não precisa ser escondido**.

O abuso sexual não tem rosto, idade, etnia, condição socioeconômica ou aparência. O **Estatuto da Criança e do Adolescente** (Lei 8.069/1990) e o Código Penal brasileiro deliberaram que qualquer espécie de contato sexual com meninos ou meninas que correspondam à faixa etária dos 0 aos 14 anos de idade, com ou sem consentimento, é crime. Crianças e adolescentes estão atravessando um processo de desenvolvimento peculiar, em que a garantia de seus direitos fundamentais é um bem inegociável. Com nossos meninos e meninas, **não existe sim. Sim é não. Talvez é não. Não sei é não. Não é não**.

Quem abusa sexualmente de uma criança ou adolescente também exerce uma relação de poder em que dissimula a concepção de amor da vítima e a manipula, fazendo uso

de sua vulnerabilidade. Crianças e adolescentes são vistos socialmente, na história do Brasil e do mundo, sob o prisma corretivo e punitivo que os desautoriza e não os educa para, de maneira saudável e segura, discernir, negar ou responder afirmativamente por escolhas de cunho sexual. **Respeitem nossas crianças**.

Há, ainda, outra forma de violência contra crianças e adolescentes: **a exploração sexual**. Muito provavelmente, você já ouvir falar desta violação de direitos sob a alcunha prostituição infantil, mas este título não deve ser empregado em nenhuma hipótese.

Nenhuma criança ou adolescente se prostitui, mas é explorado sexualmente em troca, não raro, de um prato de comida, de uma quantidade ínfima de dinheiro, de uma carona de volta para casa, de uma promessa vã... A exploração sexual compõe um esquema articulado que é agenciado pelo explorador em praias, bairros privilegiados, periferias, hotéis do litoral brasileiro e áreas urbanas, configurando **um assalto desumanizante à infância digna e completa**.

Quando somos procurados por uma criança ou adolescente vítima de violência sexual, o momento é de ouvir. Não com curiosidade ou sadismo, mas com preocupação e atenção. **Ouvir** um relato de abuso sexual infantil em minúcias, só leva a vítima a reviver a dor daquela violência no seu processo de narrativa. Nós, adultos e figuras de referência e cuidado, devemos escutar até o ponto em que está evidente que ocorreu uma violência.

Mais do que isto é **estimular a revitimização**.

Para identificar o abuso e a exploração sexual infantil, é preciso ter **olhos de coruja**. Bem abertos. Quando se tem conhecimento sobre uma situação de violência contra crianças e adolescentes, ou se denuncia ou se assume a posição de cúmplice. Não há outra opção.

**Quem não denuncia, também violenta**. E precisamos educar nossos meninos e meninas para confiar e não ter medo da rede de proteção.

A Cartilha que você tem em mãos foi pensada para ser fio condutor de um diálogo que pode promover o reconhecimento de um toque abusivo, mesmo se o violador de direitos for uma pessoa por quem a criança sente amor. **A literatura infantil é a ponte para falar e ouvir nossas crianças e adolescentes**.

**Leiam juntos**, debatam as ilustrações, observem atentamente as reações de cada criança, escutem suas perguntas e construam, a partir disto, aquele papo cabeça. A Cartilha pode (e deve) ser lida parte a parte, sem pressa, de acordo com o ritmo dos pequenos leitores – e repetidas vezes, para acompanhar o avanço dos saberes de nossos meninos e meninas sobre seus corpos e direitos. Lembre-se de que se a criança não entende que o que está acontecendo é uma relação de abuso, não compreenderá a importância de **contar para você ou outro adulto de confiança**.

Bem me quer ou mal me quer? Para responder a esta pergunta, de criança pra criança, vamos falar de abuso sexual infantil. Para elas e com elas, daremos a tantos meninos e meninas brasileiras **uma nova história**, escrita por suas próprias mãos.

## Referências

- 1 Em 2018, o Ministério da Saúde registrou ao menos 32 mil casos de abuso sexual infantil, índice que equivale a mais de três casos por hora.
- 2 A partir de levantamento de dados do Disque 100 em relação aos comunicados de violência sexual infantil do ano de 2018, mais de 70% dos casos ocorre através de relação intrafamiliar, pelas mãos de uma das figuras de cuidado da criança ou outros parentes, na própria casa da vítima ou do abusador.
- 3 O abuso sexual infantil representa um recorte de gênero, em que a subnotificação é acentuada em decorrência da estrutura social alicerçada no patriarcado em que muitos meninos sofrem abusos em suas infâncias e sua narrativa em tom de denúncia é lida como “sorte” – este menino de doze anos, por exemplo, teve sorte por uma mulher de vinte e sete anos se interessar por ele. Este menino, não raro, só reconhece que sofreu uma situação ocasional ou recorrente de violência sexual já na sua fase adulta. Desconstruir os papéis de gênero é um processo histórico imprescindível para combater as violências. O Ministério da Saúde aponta que, entre vítimas de 0 à 9 anos de idade, meninas representam 76,4% dos casos, enquanto os meninos são 23,6%. Entre as vítimas de 10 à 19 anos de idade, a porcentagem muda para 92,2% entre as meninas e 7,8% entre os meninos. A subnotificação é factual e preocupante.

## Quem é A AUTORA?



**A**nna Luiza Calixto é uma menina brasileira que, ainda criança, decidiu transformar o mundo começando por sua escola e, desde 2008, luta pelos direitos e vozes da infância. É autora deste e outros cinco livros - bem como o título Pronto ou não, lá vou eu! -, palestrante e fundadora do Projeto Social Os Cinco Passos, ferramenta de cidadania itinerante que leva as pautas dos direitos humanos, participação sócio política e prevenção às violências para as salas de aula de todo o Brasil, rompendo o adultocentrismo, mapeando e denunciando violações de direitos ao lado de meio milhão de estudantes.

Representa o estado de São Paulo no Comitê Nacional de Adolescentes pela Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil (CONAPETI), é colunista do portal de jornalismo e mobilização Rede Peteca, assinando a Coluna Quem tem boca vai à luta, feminista, cientista social em formação pela Universidade Federal de São Paulo e consultora em políticas públicas para a rede de proteção.

Contato: [annaluizacalixto@gmail.com](mailto:annaluizacalixto@gmail.com) | Oll 9 7369-6388 | [@annaluizapalestrante](https://www.instagram.com/annaluizapalestrante)



## Quem é A ILUSTRADORA?

**S**tephanie Marino Marafante é bacharela em Design Gráfico pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), possui extensão em Design Entrepreneur pela Scool Of Visual Arts de Nova York e formação em fotografia pela Arquitec Campinas.

Atua como ilustradora para a agência literária Magh, e possui experiência com ilustração tanto no cenário digital quanto no ramo de gravura manual, como desenho à lápis, tinta, tatuagem e xilogravura.

Ciente do potencial de transformação e humanização dos meios artísticos, o foco do seu trabalho é abordar a representatividade, o empoderamento de minorias e críticas sociais.

Contato: [stephaniemarinodesign@gmail.com](mailto:stephaniemarinodesign@gmail.com) | Oll 9 99968-8856.



# Queremos Agradecer...

À você, menina ou menino brasileiro, que inspirou esta história e é capaz de reescrevê-la  
Obrigada por me ensinar o que é ser criança no Brasil e por ser luz e voz enquanto nos  
silenciam e apagam as luzes Vocês são esperança

À Deus, por me abençoar e me fortalecer com fé em dias melhores e por iluminar,  
dia após dia, a caminhada que escolhi para viver. Só posso agradecer por tanto.

À Paula, minha mãe, parceira e melhor amiga por vir de mãos dadas comigo para esta  
aventura (e todas as outras). Obrigada, parcinha, por me tornar a menina brasileira  
que eu sou e por trazer sua luz para esta história e para os meus dias.

Ao Dr. Antonio de Oliveira Lima (procurador do Ministério Público do Trabalho),  
por não deixar a peteca cair e estar presente – com os olhos e o coração –  
na luta pela infância. Obrigada por sempre acreditar.

À Stephanie Marino, por dar vida e cores para este livro. Obrigada por ouvir  
cada uma das minhas ideias e por imprimir com seu talento e personalidade  
uma menina como todas nós: de carne, osso e coragem pra lutar.

Ao time do sistema de garantia de direitos que figura na Cartilha assim  
como na caminhada pela infância: professor Marcelo Nascimento, Rocheli  
Tugera, Lauro Trindade e, mais uma vez, Dr. Antonio. Minha imensa  
gratidão por cederem seus rostos para nossos personagens e suas vidas  
para a luta. (página 36)

À Catarina Decome Poker, por levar a luta pelos direitos das meninas  
brasileiras para o meio acadêmico e por resistir como mulher na ciência.  
Sua leitura foi fundamental para a construção desta história.

À cada uma e à cada um que tece a rede de proteção e resgata a  
infância brasileira ao ouvir e denunciar. Em cada pedacinho de Brasil,  
encontro beija-flores que vivem para apagar este incêndio; vivem  
para lutar por direitos.

A Cartilha é de vocês.

